



## POETICS OF SPACE

**Teresa Braula Reis e Gregor Graf**

Galeria 3+1, Lisboa,  
até 24 de setembro

O jogo de contaminações entre o campo da arte e o da arquitetura e suas imediações tornou-se recorrente e em alguns casos profícuo na criação contemporânea, desaguando com frequência numa meditação ora poética ora sociológica em torno da própria vida, da habitação dos espaços ou das utopias sociais que lhes estão subjacentes. Sob um título bachelardiano que confessa essas intenções, juntam-se trabalhos de dois artistas cujos programas comunicam com bastante eficácia. Há uma prática fragmentária no trabalho de Teresa Braula Reis (1990), que já se intuía na sua entrópica participação nos Prémios EDP Novos Artistas. Aqui a fragmentação é reconduzida a uma reconfiguração que é passagem nunca terminada do arquitetónico para o escultórico, como nas peças brancas que parecem ecos parciais de estruturas mais amplas ou na escultura que confina a uma nova ordem geométrica pedaços de concreto e tijolo num jogo entre formas e materiais, mas também no vídeo onde a implosão e recuperação de um edifício erigem uma imagem circular do tempo da arquitetura. Já o trabalho do austríaco Gregor Graf (1976) elabora-se ante a ideia da arquitetura como uma totalidade multidimensional, em cujas metodologias operativas ressoam modos de vida e contextos socioculturais. Isso é notório na fotografia de grandes dimensões que mostra uma vivenda perdida no sopé de um cenário montanhoso nórdico com uma aparência de autossuficiência em relação ao que sobra do mundo, bastante significativa de um modo de viver, ou na peça de parede em que uma planta arquitetónica é fetichizada num mosaico de pedra. Desfigurando e reconfigurando (Teresa Braula Reis) ou objetualizando (Gregor Graf) a arquitetura, os dois artistas exercem sobre ela uma torsão transformadora que estabelece um olhar subjetivo mas frutuoso. / C.M.